

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Sumário

VEÍCULO: O Globo	1
Título: Novo Mercado atrai investidor para Vale.....	1
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	2
Título: Leilão de energia gera R\$ 2,2 bi, com interesse menor.....	2
Título: Estaleiro de Cingapura vai pagar R\$ 1,4 bi em multas.....	4
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	5
Título: Petrobrás pode ampliar total de ativos à venda.....	5

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: ANA PAULA MACHADO****Título: Novo Mercado atrai investidor para Vale**

Grandes fundos internacionais buscam ações com melhor governança

-SÃO PAULO- Marco na história da companhia — que era estatal e, depois da privatização, ainda mantinha um bloco de controle, liderado pelos fundos de pensão de estatais —, o ingresso da Vale ao Novo Mercado, mais elevado nível de governança da B3, a Bolsa brasileira, já traz frutos à empresa. De acordo com o presidente da mineradora, Fábio Schvartsman, grandes investidores institucionais no exterior já vinham manifestando interesse nas ações antes da mudança do seu nível de governança. — Percebemos nomes novos entrando no papel. Investidores que nunca estiveram presentes. São exatamente grandes fundos internacionais. É pouco, nada muito extraordinário, mas é um começo.

Tenho a expectativa de que, no ano que vem, isso se intensifique — disse o executivo ontem, na cerimônia que formalizou a adesão da empresa ao Novo Mercado, na sede da B3.

VALE PREVÊ ALTA EM DIVIDENDOS

Hoje, cerca de 60% dos papéis da Vale estão pulverizados entre investidores no mercado. A diferença está nas mãos dos integrantes do bloco de controle. Segundo a estratégia de gradualmente reduzir a participação desses acionistas, a empresa quer ter 80% distribuídos no mercado até 2020. — Agora, vamos ter acesso a esse grupo de investidores e, como consequência, prover mais liquidez aos acionistas — disse, sobre os estrangeiros. Otimista, Schvartsman afirmou que as expectativas para 2018 são “as melhores”: — Vamos entrar na “era dos dividendos” (parcela do lucro da companhia distribuída aos acionistas), se tudo ocorrer como o previsto, em 2018. Esse é o nosso propósito. Afinal, os acionistas tiveram muita paciência e ajudaram a Vale a atravessar esse período de dívidas com o fim do super ciclo (preço alto do minério de ferro). Segundo o executivo, em 2018 a companhia deve registrar geração de caixa melhor que a deste ano, junto com a redução da sua dívida líquida, hoje em US\$ 20 bilhões.

A meta, lembrou, é chegar a US\$ 10 bilhões até 2019, patamar que diz poder ser alcançado “quem sabe até antes”. — A Vale certamente está terminando 2017 bem melhor do que o ano passado. E a entrada no Novo Mercado representa uma nova era para a companhia — disse. O presidente do Conselho de Administração da Vale, Gueitiro Matsuo Genso, que também preside a Previ (o fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil), disse que a entrada da Vale no Novo Mercado tende a diminuir a diferença do preço das ações da empresa frente ao de seus concorrentes diretos, como as mineradoras australianas. — Sempre existiu um gap (diferença entre) dos nossos múltiplos em relação aos australianos, mesmo a Vale tendo uma performance operacional melhor. Agora, não se justifica isso porque, quando forem precificar a ação, verão que a companhia está no maior grau de governança — avaliou. Sobre o fim do bloco de controle, Genso disse que a Previ não sairá de forma desordenada e deve seguir o movimento dos outros controladores, BNDES, Bradesco e Mitsui. — Em fevereiro termina o lock-up (período de bloqueio de vendas de ações) de grande parte dos papéis e, a partir daí, será um movimento bastante organizado.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: TAÍS HIRATA DE SÃO PAULO

Título: Leilão de energia gera R\$ 2,2 bi, com interesse menor

Eletronorte foi a maior vencedora da concorrência desta sexta (22), com contratos que somam R\$ 997 mi

Para analistas, a atenção de investidores já está voltada para os leilões programados para abril de 2018

O setor elétrico encerrou nesta sexta (22) uma sequência de leilões com dois certames que contrataram usinas geradoras já existentes.

Os leilões atraíram menos interesse que os outros dois realizados na segunda-feira (18) e na quarta (20).

Nesta sexta, a contratação foi de 711 MW médios, e os contratos movimentaram R\$ 2,19 bilhões, segundo a CCEE (Câmara de Comercialização de Energia Elétrica).

O volume total contratado na última semana foi de 3.869 MW médios.

A Eletronorte foi a maior vencedora, ao conquistar dois contratos de fornecimento, com valor somado de R\$ 997 milhões. Em seguida, veio a Tradener, que levou contrato de R\$ 302 milhões.

Participaram do primeiro leilão, como compradoras da energia, dez concessionárias de distribuição, com destaque para a RGE (34% do total negociado), Eletropaulo (28% do total) e Coelba (12% do total negociado).

Na segunda concorrência, foram 12 as distribuidoras. As principais compradoras foram a Coelba (30% do negociado), Eletropaulo (17%) e Cepisa (12%).

A menor concorrência refletiu nos deságio atingidos, que ficaram em um patamar bastante abaixo do das concorrências passadas.

Os descontos foram de 18,2% e 9,6% nos dois leilões de sexta —nos outros dois certames de geração da semana, os deságios médios giraram entre 38,7% e 54,6%.

"Os últimos leilões foram mais secundários para o mercado. A expectativa dos investidores já está voltada para os leilões que deverão ocorrer em abril do próximo ano", afirma Marcos Ganut, diretor-executivo da consultoria Alvarez e Marsal.

O governo já anunciou um leilão para contratar novas usinas geradoras, que deverá ser realizado em abril de 2018. A expectativa do mercado é que, próximo a esta data, ocorra também um certame para a construção de mais linhas de transmissão, segundo o executivo.

"Com a retomada da economia, a demanda das distribuidoras por mais energia também deverá crescer."

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado

Autor:

Título: Estaleiro de Cingapura vai pagar R\$ 1,4 bi em multas

Keppels relata suborno na Petrobras e faz trato com Brasil, EUA e Cingapura

Montante será dividida entre os três países e o Brasil ficará com R\$ 692 mi, quinto maior valor da Lava Jato

DE SÃO PAULO

O estaleiro Keppels Fels fechou um acordo de leniência nesta sexta-feira (22) com autoridades do Brasil, dos Estados Unidos e de Cingapura, onde fica a sua sede, no qual reconhece que pagou propina para fornecer navios e plataformas de petróleo para a Petrobras e a Sete Brasil. A empresa vai pagar um multa de R\$ 1,4 bilhão.

Leniência é uma espécie de delação para empresas.

O Brasil ficará com cerca da metade do valor da multa (R\$ 692 milhões), segundo a força-tarefa da Operação Lava Jato em Curitiba.

A multa global é a terceira maior da Lava Jato (depois de Odebrecht e da Braskem) e a quinta no ranking de dinheiro que será pago ao Brasil.

O acordo estipula que a empresa de Cingapura devolverá o dobro do que pagou em suborno no país.

O Keppels é um dos maiores fornecedores da Petrobras e tem contratos no valor de US\$ 25 bilhões, o equivalente atualmente a R\$ 83 bilhões.

A ordem para o pagamento de propina partia da cúpula da empresa em Cingapura. O acordo envolveu os EUA porque um executivo americano participou do esquema para pagar suborno.

O estaleiro era representado no Brasil pelo lobista Swi Skomicki, que foi apanhado pela Lava Jato, fez acordo de delação e reconheceu ter pago US\$ 4,5 milhões ao marqueteiro do PT João Santana, por indicação do ex-tesoureiro do partido João Vaccari Neto, que está preso em Curitiba.

A mulher de Santana, a publicitária Mônica Moura, informou em sua delação que o dinheiro foi recebido na Suíça e era uma dívida de campanha presidencial de Dilma Rousseff de 2010.

O lobista contou em seu acordo que fez pagamentos de propina para executivos da Petrobras e para o PT desde 2003. Ele pagou uma das maiores multas entre os delatores da Lava Jato, de R\$ 83,1 milhões.

No ano passado, a empresa reconheceu que poderia ter cometido ilicitudes em negócios com a Petrobras.

Com esse acordo, o valor arrecadado pela Lava Jato em três anos e nove meses sobe para R\$ 11,5 bilhões, um recorde na história brasileira.

"Infelizmente, esse valor ainda é pequeno quando comparado ao total desviado da população brasileira pela atuação de políticos, agentes públicos e empresários corruptos. Muito mais ainda precisa ser feito para coibir essa prática nefasta", disse a procuradora Laura Gonçalves Tessler, da força-tarefa.

O advogado da Keppels, Celso Vilardi, não quis se pronunciar. (MARIO CESAR CARVALHO)

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: FERNANDA NUNES E KARIN SATO

Título: Petrobrás pode ampliar total de ativos à venda

A Petrobrás está disposta a vender mais US\$ 5 bilhões dos seus ativos para deixar o caixa dentro da meta estipulada para o fim de 2018. Os objetivos estão mantidos, ainda que o preço do petróleo despenque e a empresa não alcance a receita esperada. Para compensar possíveis frustrações de geração de caixa, a estatal guarda um grupo de ativos dos quais considera se desfazer na última hora.

Assim, o seu programa de desinvestimento subiria de US\$ 16,5 bilhões para US\$ 21,5 bilhões em 2018. Em seu plano de negócios, a Petrobrás usou como premissa a projeção de que o barril do petróleo do tipo brent, comercializado na Europa, vai permanecer na casa dos US\$ 50, como atualmente. Em 2019, começaria a subir, até atingir o patamar de US\$ 70 em 2021, estimativa considerada otimista por analistas.

Como a empresa tem os seus preços atrelados ao mercado internacional, se a cotação não subir como esperado, a receita também não avança e a petroleira

fica sem caixa para fazer frente aos US\$ 74 bilhões de investimentos previstos para os próximos cinco anos. A saída, então, será fazer caixa por outros meios, como com a venda de ativos e negociação de contratos com fornecedores.

“Caso a empresa perceba que não vai atingir o nível de alavancagem que deseja, a solução será aumentar o portfólio de ativos incluídos no plano de desinvestimento”, disse o diretor Financeiro, Ivan Monteiro, em teleconferência com analistas para detalhar o plano de negócios para o período de 2018 a 2022. Ele reitera que a Petrobrás não admite a hipótese de chegar ao fim do ano com uma relação entre dívida e geração de caixa superior a 2,5 vezes.

MME / ASCOM .